

TERCEIRA EXPOSIÇÃO INFANTIL

2 de dezembro de 1954

apresentação

por

augusto

frederico

schmidt

Uma das atividades entre as que são mais caras ao Museu de Arte Moderna e de que ele mais se orgulha, é de dar assistência, apoio, calor às inclinações e ao gosto da infância pelas artes plásticas. O pintor Ivan Serpa que se ocupa das crianças do Museu e as ajuda a ser livres, obedece, nesse seu trabalho, a uma vocação irresistível, a um amor sério e grave, daí resultar útil e fecundo o seu trabalho, como a nova exposição, cujo catálogo estou apresentando, mais uma vez vem provar.

O método de Ivan Serpa, consiste em estimular e desatar os laços e a timidez que começam a querer estrangular o dom criador da infância; a arte do mestre - Serpa é dar ao pintor e desenhista na idade mitológica, a certeza de que mais importante do que tudo o mais, é seguir livremente a inspiração própria, e não imitar o adulto na sua pobreza mas saber usar de um poder milagroso que a experiência não restringiu nem mesquinhou ainda.

O que distingue essencialmente a criança do homem, é que a criança possui o mundo na sua totalidade e por isso domina e reina sobre as coisas. Tudo o que não lhe deixam tocar ou ver, ela apalpa e contempla com os dedos e os olhos da imaginação. Se uma casa está de portas fechadas, e isso impede que se possa saber e desvendar o que existe e quem se encontra no seu interior, o homem considera a contingência e se resigna a uma impos

impossibilidade; a criança, porém, supre o que se recusa ao seu acesso material, vencendo tudo, criando seres e objetos, compondo quadros e cenas mais reais ainda, do que a realidade.

O que é indispensável na infância, é a configuração do mundo. Ela, infância, necessita traduzir e exprimir tal como se apresentam exatamente, ao seu entendimento e percepção (como o seu olhar surpreende e percebe), as formas exteriores, as imagens de fora. O adulto obedece, porém, a critérios. Em lugar de exprimir-se, de confessar-se (e a finalidade de toda a arte é a confissão ou mais precisamente, toda a arte implica numa confissão), de dizer como vê as coisas diretamente, pede o socorro do olhar de todo o mundo, submete-se à tirania do olhar convencional que estabelece a hierarquia de valores e planos e o ritmo das cores. Evidentemente os grandes pintores e artistas se insurgem contra esse conformismo que anemisa e depaupera a alegria e a beleza do mundo. Um Van Gogh, por exemplo, dá-nos livremente, as mesmas cores e crispações, as mesmas paisagens e a forma dos seres que viu por onde andou. Mas esse grande pobre artista, outra coisa não foi senão uma criança, durante todo o tempo em que permaneceu sobre a terra dos homens.

Lembro-me do meu tempo de menino, das aulas de desenho no colégio. O bondoso e velho professor, Seu Braz, oferecia-me uma laranja de sua autoria, nascida ali mesmo na classe, e que era bem torneada, equilibrada, justa e arredondada. Melhor nota recebia quem fizesse a

melhor cópia. Era um trabalho servil, uma capitalização de t<sup>o</sup>da a nossa autonomia de perceber e sentir as laranjas de Deus. Havia uma laranja convencional, a quem devíamos sacrificar as laranjas que saltavam aos nossos olhos.

Que obra admirável, essa de defender na criança a noção e idéia de que é ela quem vê certo as coisas e não nós outros, que já temos os olhos deformados pelo uso! O Museu de Arte Moderna, com Ivan Serpa, empenha-se nessa cruzada a favor do maravilhoso e da preservação da verdade. A nova exposição explicará tudo isso melhor do que as minhas também exaustas e usadas palavras.